

A RESSIGNIFICAÇÃO DOS PROFETAS ESCATOLÓGICOS NAS RELEITURAS MODERNAS DO APOCALIPSE: SÃO JOÃO E AGNES NUTTER SOB A PERSPECTIVA DE GAIMAN E PRATCHETT

HELVÉCIO FERREIRA FURTADO JUNIOR¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES
SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – pejorativo@radiogita.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, as obras fantásticas assumem uma tendência a tornar imperceptível ou irrelevante o limiar entre o mundo real e o mundo fantástico, contrastando com o modelo tradicional de literatura fantástica, onde os elementos fantasiosos encontram-se segregados da realidade. Diferente da Fantasia de portal ou de aventura, onde o protagonista abandona uma vida mundana para imergir, acompanhado do leitor, num universo fantástico, a Fantasia Limiar mantém os personagens no seu cotidiano – é o fantástico que os visita. Um dos maiores expoentes deste tipo de literatura é Neil Gaiman. Suas obras destacam-se pela apropriação e modificação de elementos místicos diversos, embaralhados e jogados na realidade como se a ela pertencessem. Assim, é comum vermos em sua obra deuses e entidades de diversos panteões, que mesmo estando geográfica e cronologicamente separados em sua concepção original, caminham lado a lado aliando-se ou combatendo-se.

O apocalipse também é representado com frequência por Gaiman. Suas obras retiram do cataclisma simbólico diversos elementos essenciais para a sua narrativa: acontecimentos exóticos perturbando o cotidiano, forças sobrenaturais reunindo-se em dois lados antagonicos, a sensação de iminência despertada nos personagens através de agouros; existe fatura de elementos apocalípticos com os quais o autor joga.

Dentro deste contexto, observaremos as alterações, ressignificações e novas roupagens de alguns dos elementos apocalípticos na obra de Gaiman. O recorte para este trabalho será a obra *Belas Maldições: As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter, Bruxa* (*Good Omens: The Nice and Accurate Prophecies of Agnes Nutter, Witch*, 1990), escrito pelo autor supracitado em conjunto com Terry Pratchett. A obra se passa em um cenário onde as forças celestiais e infernais competem entre si pelas almas dos homens, esperando o dia em que o filho de Satã reinará sobre a terra e trará o confronto final, do qual um dos lados sairá vencedor. Neste cenário, encontram-se diversos personagens iconicos, como Crowley, a serpente do paraíso, encerrado na terra eternamente em missão para os seus senhores demoniacos, e também Aziraphale, um anjo que também exilou-se na terra em missão sagrada. Como encontram-se distantes daqueles pelos quais lutam, os personagens gozam de certa liberdade para agirem mais ou menos fora da ideologia que representam, pois os seus superiores raramente vêm à terra. Assim, o autor utiliza um anjo e um demônio para jogar com as noções maniqueístas de céu e inferno e bem e mal, pontos comuns nas escrituras apocalípticas e que servem de referência para a análise de ressignificação tanto do fim dos tempos, quanto do papel desempenhado pelo profeta no apocalipse.

Apesar de já estar há muito morta na época em que se passa a narrativa, Agnes Nutter deixa um livro que atravessa gerações em sua família, indo parar nas mãos de Anathema Device, sua última descendente bruxa. O livro contém mais de quatro mil profecias e todas elas estão corretas, apesar de que algumas só são devidamente entendidas após a consumação dos fatos descritos. Valendo-se da precisão impar de sua ancestral, Anathema segue os eventos descritos pelas profecias finais do livro, buscando impedir a ascensão do anti-cristo e o consequente embate final entre as forças celestiais e infernais, uma batalha que, caso ocorra, destruirá a humanidade. Anathema é acompanhada por Newton Pulsifer, um caçador de bruxas de uma ordem antiga e decadente, que é recrutado para exterminá-la mas que com ela acaba se envolvendo emocionalmente, fato que também havia sido previsto por Agnes.

2. METODOLOGIA

Valendo-nos de pesquisa bibliográfica, observação e contraste das características dos profetas, tanto na obra de Gaiman e Pratchett quanto na Bíblia, procuraremos apontar as discrepâncias entre a profetisa e o profeta, bem como seu impacto na obra mais atual. Apropriando-nos dos conceitos de Fantasia Limiar e Fantasia de Portal debatidos por Mendelshon em seu livro *Rethorics of Fantasy*, procuraremos apontar como os autores reconstruíram o mito do fim dos tempos num esforço para retirar dos deuses o seu lugar central na narrativa escatológica e entregá-lo aos homens. Utilizando de trechos do livro, bem como da narrativa bíblica, emparelharemos São João e Agnes Nutter, num esforço para compreender qual a finalidade dos profetas, de onde vêm seus poderes de precognição e que papel estes desempenham na narrativa do fim dos dias.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreendermos a apropriação dos elementos messiânicos na obra de Gaiman e Pratchett, devemos destacá-los, observando os resultados do contraste entre a descrição destes elementos no texto moderno e aquela feita originalmente no livro *O Apocalipse Segundo São João*.

Ao olhar com atenção para aqueles que profetizam o fim do mundo, podemos encontrar evidências de que Agnes Nutter foi desenhada pelos autores para ser a nêmetese do profeta do apocalipse. São João, enquanto homem das visões, é um dos escolhidos de Deus, sua autoridade sendo outorgada pelo Senhor, que no momento da profecia transporta-o até o futuro, onde ele contempla tudo o que irá acontecer, e recebe a ordem de escrever o que vê e enviar às igrejas da Ásia. Temos assim uma narrativa fantasiosa do tipo “fantasia de portal”, onde o protagonista (neste caso, o próprio apóstolo João) é transportado para um outro lugar, desconectado da realidade, onde o leitor está a ele preso, vendo apenas o que ele vê e sabendo apenas o que ele sabe. Após ser arrebatado desta terra, João é levado aos céus onde vê uma série de acontecimentos anteriores ao fim dos dias. Após contemplar e escrever tudo o que vê, o messias é levado ao futuro, onde vê o fim de todas as coisas.

Enquanto apropriam-se dos elementos místicos que constroem o apocalipse cristão, Gaiman e Pratchett diluem-nos num cenário realista, modificando interpretações e fatos históricos para solidificar a autoridade absoluta de sua profetisa, no quesito profecias, em detrimento a todos os outros messias já citados. Agnes Nutter, a bruxa, tem as profecias mais certas de todas. Suas previsões são claras e infalíveis, mas não é daí que advem a autoridade profética

da feiticeira – apesar de seus poderes, nenhuma entidade a legítima, e mesmo Aziraphale, o anjo exilado na terra, nunca havia ouvido falar dela. Sua “visão” não vem de uma benção, mas pelo contrário, da negligência dos poderes celestiais e infernais em atrapalhá-la, como nos mostra o trecho abaixo:

Ele jamais conhecera Agnes. Obviamente, ela era um gênio. Normalmente o Céu ou o Inferno descobriam os tipos proféticos e transmitiam ruídos suficientes no mesmo canal mental para impedir qualquer precisão indevida. Na verdade isso raramente se fazia necessário; eles normalmente encontravam meios de gerar sua própria estática em autodefesa contra as imagens que ecoavam em suas cabeças. O coitado do velho São João tinha seus cogumelos, por exemplo. Madre Shipton tinha sua cerveja. Nostradamus tinha sua coleção de interessantes preparados orientais. São Malaquias tinha seu vinho. Bom e velho Malaquias. Fora um sujeito legal, sentado ali, sonhando com papas futuros. Um completo artista do álcool, claro. Poderia ter sido um pensador de verdade, se não fosse pelo uísque caseiro. (GAIMAN; PRATCHETT, 1990, p.180)

Ou seja, os autores ressignificam o mito do profeta, retratando-o não como um servo de uma entidade superior abençoado com um dom, mas sim um ser humano cujo “canal mental” era perturbado por imagens temporalmente assíncronas, cheias de elementos que não conseguia compreender e dos quais se sentia compelido a falar, mesmo não havendo, em seu tempo, conceitos que descrevessem o que viu. Talvez por ser mulher, ou talvez por ser bruxa e não cristã, Agnes Nutter foi ignorada pelas entidades que poluíam as visões dos “tipos proféticos”. Numa última sacada reafirmadora da autoridade incontestada de Nutter sobre todos os outros profetas, Gaiman e Pratchett nos contam que tais visões do futuro eram essencialmente perturbadoras, o que fazia com que quem as tivesse fosse normalmente levado a consumir entorpecentes para “diluir” a veracidade brutal e muitas vezes incompreensível daquilo que era visto. O próprio profeta do apocalipse é retratado como alguém que não consegue lidar sóbrio com as visões que recebe: “O coitado do velho São João tinha seus cogumelos, por exemplo [...]”.

4. CONCLUSÕES

Sendo uma obra notavelmente pós-moderna, *As Belas e Precisas profecias de Agnes Nutter, Bruxa* enevoa as barreiras entre o real e o irreal, aproximando elementos fantásticos e quotidianos, misturando-os em cenários impossíveis. Longe de pertencerem a planos paralelos, as forças que regem o mundo de *Belas Maldições* convivem no mesmo espaço mundano habitado pela humanidade. As reações fleumáticas a eventos extraordinários caracterizam os personagens, que nunca se chocam com o que veem, não importa o que seja, pois na fantasia limiar, o mundano e o absurdo são igualmente espantosos.

Dito isso, Gaiman e Pratchett tecem sua obra partindo de um pressuposto diferente daquele que fundamenta as escrituras bíblicas: não existe uma escala de relevância entre a realidade e o fantástico, sendo o comportamento dos seres humanos tão ou mais espantoso do que o das entidades espirituais. Antes de ser uma ferramenta dos anjos e demônios para conduzir a humanidade, a profecia é uma característica humana que aparece em alguns indivíduos e em outros não, fator que independe de vontades celestiais ou infernais. Dentro da obra, este fator permite que o mito do profeta seja mais eficientemente humanizado, pois os poderes de previsão de Nutter não são resultado de graça divina ou qualquer

outra forma de destacamento que a fizesse especial, diferenciada de outros de sua espécie. A profetisa é apenas uma humana. Essa visão antropocêntrica do poder da profecia permite que os autores aproximem todos os outros elementos da mitologia escatológica na narrativa, criando um cenário onde, diferentemente de *O Apocalipse Segundo São João*, a humanidade vive seus momentos finais não com apreensão e pavor, mas apenas com algum espanto e curiosidade. Num universo onde a capacidade humana de prever o futuro é apenas mais uma das infinitamente diversas coisas que os indivíduos nascem sabendo fazer, e não uma dádiva concedida a uns poucos escolhidos, o conflito definitivo entre o bem e o mal não chega a ser um evento tão destoante do dia-a-dia. Nas fantasias limiares, o sobrenatural nem sempre é tão espantoso quanto o mundano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

MENDELSON, Farah. **Rethorics of Fantasy**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2008.

GAIMAN, Neil e PRATCHETT, Terry. **Belas Maldições: As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter, Bruxa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Bíblia Sagrada. Brasil: Geo-gráfica e Editora Ltda, 1997.

Artigos

KLAPESIK, Sandór. Neil Gaiman's Irony, Liminal Fantasies, and Fairy Tale Adaptations. **Hungarian Journal of English and American Studies (HJEAS)**, Debrecen, Vol. 14, No. 2, pp. 317-334, 2008.